

VIOLÊNCIAS E PERCEPÇÕES: A ESCOLA COMO LOCAL PRIVILEGIADO.

Autor: Ademir Gebara Ph. D

Pertenencia institucional: PVNS CAPES – UFGD

E-mail: ademirgebara@ufgd.edu.br

Resumo:

Tão importante quanto os atos de violência é a percepção da violência, parece óbvio que infanticídio é uma violência, contudo, já foi considerado algo ‘normal’. Para uma criança educada em ambiente familiar, ou participando de um grupo social, onde castigos corporais, intimidação, brutalidade são componentes do dia a dia, é difícil para ela identificar, quando em convivência com outros grupos sociais, nas escolas por exemplo, que estes mesmos atos possam ser vistos com repulsa. Sendo a escola a primeira instituição que permite à criança confrontar outros padrões de valores, para além de sua educação inicial exclusivamente familiar, ela é um espaço democratizador e socializador de condutas diferenciadas provenientes de diferentes núcleos familiares e grupos sociais. Neste sentido as violências escolares devem ser matizadas em sua complexidade e diferenciação, embora vítimas mais imediatos da violência, são os profissionais de educação que permitem e possibilitam este confronto de ‘culturas’, permitindo à criança identificar violências até então incorporadas ao cotidiano, e, frequentemente compreendidas como normais. Inspirado na teoria dos Processos Civilizadores, por isso mesmo tratando do violência em uma perspectiva de longa duração, a chamada violência escolar é discutida como um componente do processo educacional que só pode ser possível no interior do sistema escolar.

Resumen:

Tan importante como la violencia es la percepción de la violencia, parece obvio que el infanticidio es una violencia, sin embargo, alguna vez todavía fue considerado

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

algo "normal". Para un niño educado en un ambiente familiar, o participante de uno grupo social, donde el castigo corporal, la intimidación, la brutalidad son componentes de la vida cotidiana, es difícil de identificar cuando en convivencia con otros grupos sociales, en las escuelas, por ejemplo, que los mismos hechos pueden ser vistos con desagrado. Al ser la escuela la primera institución que permite al niño a enfrentarse con otras normas de valor, más allá de su educación familiar exclusiva inicial, ella es un espacio de democratización y socialización de prácticas diferenciadas de distintos hogares y grupos sociales. En este sentido, las violencias en las escuelas deben ser matizadas en su complejidad y diferenciación, aunque víctimas más inmediatas de la violencia inmediata, son los profesionales de la educación que permiten y tornan posible a este choque de "culturas", lo que permite al niño a identificar la violencia hasta ahora incorporado a la vida cotidiana, y frecuentemente entendidas como normales. Inspirado por la teoría de los Procesos Civilizatorios, por esto mismo pensando la violencia en una perspectiva a largo plazo, la denominada violencia escolar se discute como un componente del proceso educativo, que sólo puede ser posible dentro del sistema escolar.

Palavras chave: Violência, escola, educação.

Palabras clave: Violencia, escuela, educación.

Criança, família, escola e violência são temas com os quais vamos trabalhar indicando algumas possibilidades de imbricamento. As múltiplas percepções das inúmeras violências com as quais lidamos, na ótica do adulto, podem diferir em seu significado se observados sobre a ótica das crianças e dos jovens, especialmente porque podem significar espaços em que a balança do poder se altera na direção da infância e da juventude. Formas de violência para crianças e jovens podem então significar aberturas democráticas que as escolas possibilitam no sentido de ampliar, para além das configurações familiares e de grupos sociais, as redes de interdependências vividas por crianças e adolescentes.

A escola - ao significar a primeira configuração exterior à família na qual a criança constrói novas redes de interdependência e estabelece oportunidades de ‘comparar’ seus valores com os de outras crianças - é um espaço de democratização e tenção dos valores familiares e grupais, incorporados no período de exclusiva educação familiar e grupal. Neste sentido a violência tem que ser percebida, quando os valores familiares e grupais sancionam comportamentos na educação das gerações mais novas que podem se contrapor aos valores sociais ‘nacionais’ expressos nas normas jurídicas.

Coloca-se então a questão da percepção da violência e, como tal, a compreensão de um fenômeno de relação entre gerações e de processo histórico mais amplo. Uma família, relegada a viver em um único cômodo, tem comportamentos em relação à privacidade que não se identificam com os comportamentos e valores de famílias que têm espaços individualizados.

Além disso, o desenvolvimento acelerado das sociedades modernas tem alterado a percepção do que significa violência. Por exemplo, em 1910 o Dicionário Prático Ilustrado, um dos primeiros em língua portuguesa com larga circulação no Brasil, definia: “*violência*: s.f. (lat. *violentia*). Estado daquillo que é violento: *a violência do vento, das paixões*. Força, de que se faz uso contra o direito, contra a lei: *empregar a violência*. *Jur.* Constrangimento exercido sobre alguma pessoa, para a obrigar a fazer ou deixar de fazer um acto qualquer; coação. ANTON. **Doçura**. “Cem anos depois, o célebre Aurélio (2010) provavelmente o mais popular dicionário brasileiro, assim define: “**Violência**. *S. f.* **1.** Qualidade de violento. **2.** Ato violento. **3.** Ato de violentar. **4.** *Jur.* Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação.”

Duas questões gostaríamos de acentuar: 1 – A definição jurídica de violência pouco se altera nos últimos cem anos: coação e constrangimento são constantes em ambos os dicionários. 2 – com relação ao significado do substantivo feminino: violência, algumas alterações de percepção podem ser observadas.

O termo violência referia-se, em 1910, também à questões do ambiente, podendo o agressor não ser o homem, mas o meio ambiente (vento), referência que obviamente pode ser ampliada (mar, chuva, etc.). Já no Século XXI a referência é à qualidade e ao

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

ato de ser, e ou, se manifestar violento. É sem dúvida uma mudança de percepção significativa, não apenas pelo que está explícito, mas, no que está implícito.

Para melhor compreender o desenvolvimento deste argumento, utilizaremos um exemplo clássico. Até o Século XIX, a cinematografia e a literatura nos mostram, exaustivamente, que um enforcamento era um espetáculo público, o que poderíamos chamar em linguagem atual de “participar de um evento social”, inclusive aberto à crianças. Hoje, possivelmente, seria absurdo algo desse tipo, seria degradante e repulsivo. Trata-se de uma significativa mudança de percepção. Embora existam algumas culturas e denominações religiosas em que o apedrejamento ainda exista, o fato é repulsivo, tendo este sentimento dimensão internacional, implicando em uma enorme pressão social no sentido de instaurar comportamentos ‘civilizados’.

Nesse contexto, de que forma a escola entra nesse processo? Nas sociedades “civilizadas” modernas a violência é um fenômeno contraditório. De um lado a monopolização dos instrumentos de controle da violência pelo Estado tornaram-se eficientes a ponto de criar armas capazes de destruir a vida na Terra. De outro lado, os processos de diferenciação aprofundaram distanciamentos entre grupos humanos (nacionais, étnicos, religiosos por exemplo), que tencionam profundamente as relações entre diferentes configurações. Exemplificando: na pré-história os grupos humanos tendiam a comportamentos e domínio de tecnologias similares, hoje há um óbvio distanciamento entre estas diferentes configurações.

É por isso mesmo que torna-se mais usual a utilização de ‘violências’ no plural, afinal como compreender questões como: violência doméstica, violência religiosa, violência urbana, violência sexual ou ainda violência escolar sem considerarmos as especificidades envolvidas? Para cada tipo de violência identificada pelos adjetivos, nos deparamos com diferentes configurações.

Torcidas organizadas são violentas porque gostam disso, buscam adrenalina. Seu comportamento não é similar à violência doméstica, suas motivações, seus processos, os descontroles emocionais, em suma, são acontecimentos diferentes que, dificilmente serão compreendidos se enfocados sob uma definição legal de violência, mas

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

certamente a afirmação do poder de um grupo sobre outro, ou de um homem sobre uma mulher, coloca a questão do poder como um elo comum e permanente no entendimento das diversas violências.

Emoções e sentimentos estão sempre envolvidos em atos de violência do cotidiano, não estamos aqui falando de ‘escolhas’ racionais, frequentemente escolhas de um grupo mais forte, uma nação por exemplo, que pode invadir outra, desenvolver e utilizar um artefato nuclear ou promover limpezas étnicas. O que está em pauta, nos limites de nosso tema, são formas de violência encontradas nas escolas, importa aqui identificar e distinguir entre manifestações de violência empiricamente constatáveis no ambiente escolar, e também pensar o espaço escolar como um ‘locus’ privilegiado para identificar violências familiares e grupais que não são compreendidas como tal pelas crianças.

Um exemplo das dificuldades com que nos defrontamos é estabelecer a distinção entre, por exemplo, a violência sexual, e uma briga de alunos. A primeira, é uma ocorrência frequentemente exterior ao ambiente escolar, implicando inúmeras complexidades para compreender múltiplas circunstâncias culturais e emocionais. De outro lado uma briga entre alunos, com um significado emocional e sentimental mais explosivo e momentâneo. Em que medida comportamentos aprendidos predominam sobre comportamentos instintivos em cada uma destas situações? Certamente predominam, porém o gradiente não é o mesmo sempre que comparamos diferentes emoções ou sentimentos.

Como afirma Landini (2005) é muito complexo entender como uma forma privada de violência passa a ser publicamente focalizada, em suas palavras “encontrar uma direção que vai das discussões a respeito do defloramento e da prostituição ao que no final do século, passou a ser conhecido como ‘fenômeno da violência sexual’”.

Em seu “*Sobre os Seres Humanos e suas Emoções: Um Ensaio de Sociologia dos Processos*” (Gebara e Wouters, 2009) Elias formula algumas hipóteses que auxiliam a compreensão da complexa questão das emoções humanas em sua dimensão sociológica e multidisciplinar. Para ele, aquilo que o indivíduo aprendeu durante sua

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

vida e na somatória do saber das gerações passadas, implica o sentido de exercer o autocontrole. A aprendizagem dos seres humanos ocorre sempre no interior de configurações vividas, sendo um aspecto fundamental do desenvolvimento das pessoas em sociedade, o aprender, o gostar de aprender e construir e consumir uma dimensão simbólica.

Suas hipóteses fundamentam-se no fato de que os seres humanos como espécie, representam uma ruptura evolucionária, pois o equilíbrio de poder entre condutas aprendidas e não aprendidas (instintivas) tomou um novo rumo. Pela primeira vez no processo evolucionário, comportamentos predominantemente aprendidos tornaram-se, de forma clara e incontestável, dominantes em relação aos comportamentos instintivos. Uma segunda hipótese afirma que os seres humanos não somente podem aprender mais que as outras espécies, eles também devem aprender mais para se tornarem adultos plenamente funcionais. Nos humanos formas não aprendidas de direcionamento de conduta perderam sua rigidez genética e tornaram-se amalgamadas e subordinadas a formas aprendidas, como a comunicação, a orientação ou conhecimento social preexistente.

A terceira hipótese considera que nenhuma emoção de uma pessoa adulta é, em qualquer caso, um padrão reativo geneticamente fixado. As emoções resultam de uma mescla de processos aprendidos e não aprendidos, em que componentes comportamentais, fisiológicos e sensíveis atuam, sendo que a aprendizagem é um componente relevante nos níveis do comportamento e da sensibilidade. As emoções são uma forma de comunicação que precede a linguagem.

Nos humanos há um permanente e crescente processo de integração entre emoções aprendidas e/ou controladas em relação aos processos de aprendizagem. Segundo Wouters (2009), até o final do Século XIX, emoções perigosas como as relacionadas à violência física foram reprimidas e auto controladas. No Século XX, o crescimento das redes de interdependência expandiu as possibilidades de integração social, aproximando classes, gêneros e gerações.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Ao focalizar a violência escolar em especial, é necessário lembrar que a escola como instituição consolida-se a partir do Século XIX. Algumas características desse processo de consolidação são centrais para o desenvolvimento deste texto: universalização, democratização, desfuncionalização e/ou reorganização de funções comunitárias e familiares, e crescimento do poder das gerações mais jovens em relação as redes de interdependência familiares.

Elias (1994), após lembrar que as crianças, passam 10 dos mais influenciáveis anos de sua vida, em sistemas escolares estatais, afirma:

“No puedo referirme ahora más que de pasada a outra de las funciones de la educación obligatoria estrechamente conexas con el conocimiento que debe ser transmitido y que es mas o menos indispensable para una vida adulta normal. Junto con la familia, la escuela es la más importante agencia de civilización de los niños en nuestra sociedad, y cumple además funciones que no estan recogidas en los sistemas de enseñanza. Las escuelas cumplen su función de civilización a través de una especie de subproducto derivado de la transmisión del conocimiento, ayudando a los niños a dominar sus más imperiosas urgencias, encauzándolos hacia la adquisición de conocimientos y destrezas y también desarrollando la consciencia.” (pp. 98 – 99).

O binômio família - escola, consolidado e em processo de rápida universalização, revela, do ponto de vista do universo infantil uma nova e poderosa configuração. A criança, com a escola obrigatória, crescentemente em tempo integral, redefine as relações de poder entre pais e filhos e entre família e escola, um mundo novo em que ela pode viver sua própria vida. Os padrões de educação e seu conteúdo alteram-se dramaticamente.

Com a explosão das comunicações, desenvolvimento recente, e a extremamente rápida democratização dos computadores, constituição de redes sociais, celulares e o que está chegando em velocidade de difícil compreensão para a geração anterior, levam a ocorrência dos processos socializadores e educacionais à um terreno desconhecido.

Em *The Civilizing of Parents* (1980), Elias desenvolve algumas linhas de abordagem que podem ser inspiradoras. Para ele, as crianças como grupo social, estão sujeitas a controles sociais normativos, sendo inicialmente completamente dependentes dos adultos, contudo, apesar desta dependência, nos dias atuais sua participação como grupo tem um alto grau de reconhecimento social. Aqui temos uma tensão muito

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

interessante. Se de um lado a escola impulsionou a identidade e os espaços autônomos das crianças em relação a seus pais e famílias, por outro lado, ela mesma, enquanto configuração tão fundamental quanto as famílias na educação das crianças, torna-se mais e mais interdependente do comportamento e do hábitus infantil e/ou estudantil. Como isso se reflete em relação ao nosso tema?

Em pesquisa em andamento¹ é notória a participação da escola como centro capaz de identificar e caracterizar, para seus alunos, o que é violência. É uma entre muitas outras evidências empíricas de que, a diversidade das culturas familiares e grupais, frequentemente não permite aos membros destes grupos a percepção de algumas práticas são caracterizadas como violência pela sociedade. Aqui temos uma questão com múltiplas facetas. De um lado, nos revoltamos em relação a fatos caracterizados sobre o tema violência escolar; é obvio que temos razões para isso, especialmente nós professores que, junto com as instalações escolares, somos as maiores vítimas dessa violência. Por outro lado, é necessário pensar que a escola é o local privilegiado, senão o único, para identificar e confrontar inúmeras práticas de violência que ocorrem fora da cena visível no cotidiano. O envolvimento emocional familiar, e as aberturas autônomas que a escola permite à criança, são paradoxais. Como um(a) jovem admitir que está sendo violentado(a), em qualquer das formas possíveis, por um membro de sua família ou grupo social?

Para Elias podemos falar de um Processo Civilizador em três níveis: 1) no nível individual, crianças e jovens devem aprender os comportamentos adultos, que, também devem se socializar e conviver; 2) no nível de sociedades particulares posto que as redes de interdependência crescem permanentemente na medida em que as pessoas aprendem mais e se comunicam mais; 3) no nível da humanidade como um todo, na medida em que os processos civilizadores, em sua longa duração apresentam uma direção, imbricando sempre civilização e descivilização.

¹ - O projeto de mestrado *Violência sexual infantil e o 'projeto Escola que Protege em Dourados-MS*, está sendo desenvolvido por Andreia Penco e seus resultados parciais serão apresentados neste evento.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Na longa duração, e retomando o raciocínio de Elias (1980) como podemos compreender esta mudança, impulsionada pela escola, da posição de poder das crianças. Em sociedades antigas, tanto era vantajoso ter muitos filhos, como no caso das famílias agricultoras, afinal seriam mais braços disponíveis; contudo nas cidades europeias até inícios do Século XIX era muito comum o infanticídio que, a propósito, foi legislado apenas no final do Século XIX. Apenas recentemente a relação entre pais e filhos deixou de ser exclusivamente estabelecida através dos costumes e, a poder dos adultos sobre as crianças era então quase absoluto. Hoje o choro de uma criança tem um poder sobre os adultos que não existia no passado.

Escolarização em massa, compulsória, coordenada por profissionais educadores com formação específica, constituem configurações únicas na constituição de novos e ampliados laços de interdependência para crianças e jovens, justamente nos momentos mais importantes de sua formação sócio-bio-psicológica. É uma configuração que acelera e tenciona formas de educação fundadas em verdades religiosas ou na endogenia do saber tradicional familiar e grupal. É obvio que quanto mais amplo esse processo mais contradições e diversidade se apresentam desafiadoramente, especialmente porque os profissionais de educação buscam e estimulam o diálogo e a participação. Respostas violentas e desajustadas são parte deste processo, mas são também componentes de um novo processo inclusivo, as vezes doloroso e injusto, especialmente quando somos vítimas de violências que nascem fora do ambiente escolar. De qualquer forma é com isso que temos que lidar.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS,
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

BIBLIOGRAFIA

ELIAS, N. *Conocimiento y poder. Entrevista*, Madrid, La Piqueta, 1994.

------. *Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos* in ‘O Controle das Emoções’, Gebara A. / Wouters C. (Orgs), João Pessoa, Ed. Universidade Federal da Paraíba. 2009.

------. *The Civilizing of Parents*, in ‘The Norbert Elias Reader’, Goudsblom J. / Mennell S. (eds), Oxford, Blackwell, 1980.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio*. 5. ed. rev. e ampl. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

MENNELL, S. *Civilizing and Decivilizing Processes*, in ‘The Course of Human History: Economic Growth, Social Process, and Civilization’. In Goudsblom J. / Jones E. L. / Mennell S. (eds), New York/London, 1996.

SEGUIER, J. de *Diccionario Prático Ilustrado: novo diccionário enciclopédico luso-brasileiro*. 1. Ed. Paris, Larousse, 1910.